



O HOMEM QUE NÃO SABIA QUE SE CHAMAVA JOSÉ

Gonçalo Ferreira da Silva



O HOMEM QUE NÃO SABIA QUE SE CHAMAVA JOSÉ

Gonçalo Ferreira da Silva

Esta história tem o velho
Ceará como cenário
do tempo do cangaceiro
violento, sanguinário
e da luta entre posseiros
no nordeste legendário.

Hoje quando o sertão fica
pela seca esturricado
coloca o governo frente
de trabalho humanizado
que sem ser bom é melhor
do que já foi no passado.

Porque no passado as secas
traziam para o sertão
além da crucial fome,
assalto e rebelião
provocando todo tipo
de saque e destruição.

Ficava sempre o governo
num cruciante dilema:
a não estruturação
pra situação extrema
poder descentralizado
que agravava o problema.

Quando no clamor da seca
vinha um plano de emergência
pra fornecer alimentos
ficavam na incumbência
de tal distribuição
sujeitos sem consciência.

E foi envolto num clima
tão hostil e tão pesado
que Juca foi obrigado
a desprezar seu Estado
querendo ao menos sentir-se
da seca distanciado.

Iniciou a jornada
não podendo esperar mais
conversou com a esposa
e com sons especiais
procurava incentivar
os já fracos animais.

Havia sombrio mormaço
quando a tarde agonizava;
quando a família exaurida
já agonizante estava
aconteceu o desastre
que Juca não esperava.

Num horroroso declive
duma estrada nunca feita
um covarde aventureiro
tinha ficado na espreita
de quem ousasse passar
naquela garganta estreita.

Quando o animal fazia
um esforço sobreequino
para frear a carroça
o desumano assassino
fez o veículo cuspir
o casal e o menino.

Os olhos esbugalhados
de infinita surpresa
Juca nem pode esboçar
providencial defesa
pois estava em jogo a vida
duma criança indefesa.

Paulo perdeu os seus pais
com dois anos de idade
indo morar com um homem
sem responsabilidade
um bandido trapaceiro
sem nenhuma qualidade.

Ele que tinha um espírito
tão suave e tão sublime
tivera de acostumar-se
ao novo e cruel regime
que só tentava atirá-lo
no submundo do crime.

Morava num esconderijo
junto com aquele bandido
que em dado tempo passado
o havia socorrido
e vivia eternamente
feito o mais vil foragido.

Anastácio lhe aplicava
surras brutais e atrozes
enquanto vociferava:
– Sou o pior dos algozes
pois não permito que grite
senão ouvem nossas vozes.

Paulo obedecia a todos
os mandados do assassino;
estava predestinado
aquele pobre menino
a andar sempre escanchado
na garupa do destino.

– Você – dizia Anastácio
possui a obrigação
de ser o mais perigoso
bandido da região
desde que aprenda comigo
os truques da profissão.

Um dia, disse o menino,
meditabundo, inibido:
— Eu quero que me desculpe
se estou sendo atrevido
mil vezes prefiro a morte
a me tornar um bandido.

Dirigindo a Anastácio
olhar de compreensão
este o fuzilou com os olhos
depois sem hesitação
atirou selvagememente
o indefeso no chão.

A seguir as chicotadas
com tal furor foram dadas
que a calça e a camisa
de Paulo foram rasgadas
os olhos nevados, tristes
as costas ensangüentadas.

Mas quando Anastácio ia
golpeá-lo novamente
uma voz às suas costas
advertiu gravemente:
— Covarde não bata mais
no pobre deste inocente.

Anastácio ouvindo a voz
lentamente se virou,
com infinito desprezo
ao intruso perguntou:
— Como demônios você
neste esconderijo entrou?

Tobias respondeu grave:
– É que lá fora o Sol arde
ao passar pela caverna
senti cheiro de covarde
vim matá-lo, descansar
e seguir viagem mais tarde.

As palavras foram ditas
de modo lento e mordaz.
Disse Anastácio – Você
cansou de viver, rapaz?
Assim eu vou lhe mostrar
como é que homem faz.

Anastácio era mais forte
mais alto e mais musculoso,
Tobias era mais baixo
porém mais habilidoso
qualidade que o tornava
sumamente perigoso.

Um providencial pau
no teto mau colocado
despencou sobre a cabeça
de Tobias que postado
bem no centro da cabana
ficou desorientado.

Dirigido pelo ódio
Anastácio prontamente
agarrou o inimigo
depois riu sinistramente
era o sabor da vitória
que lhe aflorava à mente.

Mas Anastácio olvidou
algo muito elementar
naquela luta, a vitória
se a quisesse alcançar
teria que ser com sangue
que haveria de pagar.

No entanto desprezando
os conselhos da prudência
recebeu no queixo um murro
dado com tal violência
que caiu desfalecido
no chão de sua residência.

Paulo torcia febrilmente
pelo seu bom salvador
mas tinha os olhos nimbados
principalmente de dor
mas também de aversão
àquele quadro de horror.

Tobias disse: -- Anastácio
pra nós não é mais perigo,
venha comigo, menino
pois quero ser seu amigo
pretendo lhe ofertar
um lar decente, um abrigo.

Paulo mostrou a Tobias
marcas de surras recentes,
feridas deixadas por
chicotadas inclementes
e a boca desfalcada
de quatro pares de dentes.

– Tente esquecer o passado e vamos seguir em frente porque minha esposa Laura e Solange, certamente farão você ver o mundo de maneira diferente.

Só uma coisa Tobias não conseguia explicar sua determinação para o menino salvar tudo naquele garoto lhe era familiar.

Ao cabo de duas longas luas bastante esgotantes Paulo e Tobias chegaram à fazenda Diamantes Solange e Laura abraçaram os cansados viajantes.

Tobias disse pra Laura: uma roupa nova arranje para Paulo e lhe enfaixe uma quebrada falange pois vai ser o companheiro para brincar com Solange.

Disse também à Solange com ternura e alegria que daquela hora em diante considerar deveria Paulo seu irmão mais velho pra lhe fazer companhia.

Paulo inibido com tão
fraterna recepção
disse, os olhos embaçados,
com infantil emoção:
– Eu quero ter para sempre
vocês no meu coração.

Anastácio no refugio
readquiriu o tino
e não avistando Paulo
o veterano assassino
gritou: – Onde mil demônios
se meteu esse menino.

O próprio tempo, no entanto
conseguiria provar
que a Anastácio restava
tão só se resignar
pois resultaria inútil
ele a Paulo procurar.

Em qualquer parte do mundo
Juca se encontra ferido,
Dora, sua esposa rasga
um pedaço de vestido
pra fazer um curativo
na cabeça do marido.

Hoje a memória de Juca
não grava mais, não registra
as lições que a dura vida
ensina, dita ministra
nem mesmo ao certo o que houve
naquela noite sinistra.

Recorda confusamente
que na curva de uma estrada
viu sua velha carroça
contra uma penha atirada
depois um surdo rumor
e daí mergulhou no nada.

Dora enquanto colocava
na nuca de Juca um forro
disse: -- O dono desta casa
nos viu caídos num morro
foi ele quem nos prestou
providencial socorro.

... Quanto a José -- disse Dora
com voz piedosa e terna --
muito embora eu tenha fé
em Deus que tudo governa
prefiro crer que ele esteja
na paz da morada eterna.

E Juca ficou na casa
daquele quinquagenário;
para ele e para Dora
tinha sempre o necessário
com o homem se mostrando
cada vez mais solidário.

Esse homem cujo nome
não nos foi dado saber
disse para Juca e Dora:
-- Ajudar é um dever
tão humano quanto justo
que eu cumpro com prazer.

Dora recuperou Juca
e ela também curada
tinha a lamentar apenas
da vida na longa estrada
a lacuna impreenchível
pelo seu filho deixada.

Juca não compreendia
tamanha hospitalidade
por parte de um estranho
porque na realidade
nunca viu um lar com tanta
espiritualidade.

Com o tempo porém Juca
teve que se dirigir
ao homem, mas com palavra
não poderia exprimir
o seu agradecimento
mas precisava partir.

E para conter o pranto
se retirou sem demora
o outro com a voz trêmula
apertou a mão de Dora
ora, Dora nessa hora
não reprime o pranto e chora.

Juca com largas passadas
pela mulher secundado
logo se distanciou
e uma vez afastado
disse pra Dora: -- Este homem
foi por Jesus enviado.

O homem que os hospedou
entregou-lhes matulão
generosamente feito
com bastante provisão
que até por quinze dias
teriam alimentação.

Longas e penosas luas
passaram peregrinando
quando sedentos pedindo
água e reiniciando
a marcha em busca do nada
mas teimosamente andando.

Um belo dia quando o Sol
caía na serrania
uma idéia na cabeça
de Juca também caía
numa casa grande à vista
iria pedir moradia.

Sentindo dos vales verdes
aquela imensa amplitude
dois mananciais soberbos
desaguando num açude
pensou "aqui tem futuro
pra quem dispõe de saúde".

Era a Tobias que Juca
serenamente dizia:
– Senhor, eu preciso muito
restaurar minha energia
e venho à sua presença
pra lhe pedir moradia.

Tobias avaliando
de Juca a situação
disse: – Preciso de homem
com muita disposição
e que tenha intimidade
com cavalo e com gibão.

Juca com sinceridade
lhe disse: – Caro senhor
nestas coisas do sertão
sou muito conhecedor
assim, se depender delas
eu já sou seu morador.

– Há muito açoita-cavalo
e madeira em quantidade
amanhã você procura
a melhor localidade
pra, construindo sua casa
viver com tranqüilidade.

Quando poucos pormenores
eles estavam ultimando
ouviram rumor estranho
de algo se aproximando
Paulo e Solange, na sala
se achavam palestrando.

Os dois jovens se ergueram
com incrível rapidez
Paulo já era um rapaz
de porte e de altivez
Dora e Juca o viram
na casa, a primeira vez.

– É um assalto – gritaram
os bandidos celerados
saíam de braços pra cima
pois vocês estão cercados
ou dão tudo o que queremos
ou serão incendiados.

Mas quando o líder do grupo
viu Paulo por um momento
empalideceu demais
teve um estremecimento
tremendo visivelmente
fez o fuzil descer lento.

Sim, era o velho Anastácio
o veterano bandido.
Em razão da grande luta
e do tempo transcorrido
Paulo e Tobias pensavam
que já tivesse morrido.

Também nenhum grupo armado
a casa grande cercava
o barulho era somente
o velho quem provocava
era mais uma armadilha
que Anastácio pregava.

Ali o olhar de todos
era de ódio contido
mas quando Anastácio disse:
– Antes tivesse morrido
viram a miséria humana
a que estava resumido.

Fitando Paulo, Anastácio disse algo amargurado:
– Este rapaz que é hoje por vocês muito estimado teve um bastante penoso e curioso passado.

– ... Há bem mais de quinze anos se quase vinte não digo eu assaltei um casal, dei-lhe da morte o castigo o menino, no entanto, eu o conduzi comigo.

E dei-lhe o nome de Paulo por duas razões importantes: primeiro porque eu acho um dos mais interessantes, segundo por não saber que nome ele tinha antes.

Quando olhou os circunstantes já nada compreendia porque Juca, Dora e Paulo choravam de alegria num reencontro impossível mas que se deu nesse dia.

Quem primeiro articulou uma palavra de fé foi Juca que disse a Paulo – Veja como o mundo é seu nome atual é Paulo mas de batismo é José.

Tobias, Solange e Laura
que eram a Paulo tão gratos
de olhos esbugalhados
assistiam estupefatos
mas sem entenderem bem
o desenrolar dos fatos.

Porém quando Juca e Dora
pensaram serenamente
e quando Paulo voltou
a ser José novamente
eles contaram o passado
pormenorizadamente.

José só acreditava
naqueles fatos reais
que se chamava José
e aqueles eram seus pais
porque aquelas provas eram
irrefutáveis demais.

José casou com Solange
feliz e muito contente
tal como um dia Tobias
dissera solenemente:
– Um dia verás o mundo
de maneira diferente.

9477



Rua Leopoldo Fróes, 37, Santa Teresa, Rio de Janeiro
Tel: (21) 2232-4801 * contato@ablccom.br
www.ablccom.br